

O TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES CAPITALISTAS NA ESCOLA PÚBLICA DE GOIÂNIA

Lizelia P. S. Bastos
FE-UFG

Comunicação
Educação, trabalho e movimentos sociais

Este artigo propõe refletir sobre o trabalho na sociedade capitalista burguesa, com ênfase no trabalho da escola pública de Goiânia. A pesquisa busca entender como o trabalhador dessa escola executa suas funções no trabalho bem como o nível de conscientização política desses sujeitos, buscando compreender ainda, o grau de satisfação dos mesmos para com o trabalho que realizam. A metodologia utilizada é de uma pesquisa-ação, embasada numa perspectiva dialética da realidade. O estudo encontra-se em andamento e os sujeitos envolvidos são professores da Educação Básica e servidores técnicos e de apoio de uma escola pública de Goiânia. Os resultados parciais vem apontando, atitudes de descrença e desencanto entre os pesquisados. Outro aspecto relevante é o nível de conformismo presente entre a categoria frente às políticas educacionais estabelecidas pelo poder público. Além de certa acomodação no sentido de construir uma contra hegemonia, com vistas à transformação da realidade que os cercam.

Palavras-chave: trabalho; escola pública; conscientização.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho propõe refletir sobre o modo como o trabalhador do serviço público em Goiânia, especialmente o da escola pública, executa suas funções no trabalho buscando apreender o nível de conscientização política e o grau de satisfação desses sujeitos para com o trabalho que realizam. A metodologia utilizada é de uma pesquisa-ação, embasada numa perspectiva dialética da realidade. O estudo encontra-se em andamento com previsão para ser concluído em setembro/2009. Os sujeitos envolvidos são professores da educação básica e servidores Técnico-administrativos de uma escola pública de Goiânia. O resultado parcial da pesquisa vem apontando um forte espírito de individualismo e competição entre os sujeitos, no qual o outro é visto como um competidor, um concorrente. O estudo revela ainda certo grau de acomodação e conformismo ante as políticas educacionais estabelecidas pelo poder público. Outro aspecto relevante apresentado tem sido a presença de atitudes de descontentamento e desencanto frente ao trabalho que realizam, apresentando uma descrença na busca de novas alternativas no sentido de romper com as políticas vigentes e construir uma contra hegemonia.

O TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES CAPITALISTA NA ESCOLA PÚBLICA DE GOIÂNIA

É sabido por todos nós que o modo de produção capitalista apresentou à humanidade, avanços tecno-científicos de proporção inimaginável. O advento da ciência moderna trouxe inovações significativas no campo da informação, da genética, da robótica, da automação e de todas as demais áreas do conhecimento. Porém, todo esse aparato tecnológico não possibilitou ao homem um modo de vida plena, prazerosa, integral, muito pelo contrário, entre vários teóricos, como Marx, Walter Benjamin, Morin e outros é consenso, que o modo de produção da sociedade burguesa capitalista, trouxe para as relações humanas, situações de opressão, miséria e barbárie. Para esses críticos, o desenvolvimento desenfreado e cego do capitalismo, não eliminou os antagonismos entre as classes. Apenas estabeleceram novas classes e novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas. Na busca por novos mercados a burguesia, nesse sistema, patenteia a exploração do homem pelo homem. Por isso, falar do trabalho realizado dentro dessa logística não tem sido tarefa muito fácil. Porque segundo Marx, nesse modelo de produção, o trabalho torna-se estranhado, pervertido e deapauperado, porque,

“... o trabalhador decai a uma mercadoria e a mais miserável mercadoria”, torna-se “um ser estranho a ele, um meio de sua existência individual” de realização humana. Nessa sociedade, “o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria” (Manuscritos, p.80).

Nesse sentido, a força de trabalho se transforma em mercadoria uma vez que, o trabalho concreto que é também o trabalho qualificado, se converte em trabalho abstrato que é o trabalho de maneira geral, no qual temos que dispor de energia física e mental para realizá-lo. A abstração é realizada através da quantificação do trabalho - essa quantificação se dá através do tempo de trabalho - inclusive a mercadoria força de trabalho. O preço da mercadoria é a expressão do tempo de trabalho. Essa é a lógica de reprodução do capital.

Para aumentar a força produtiva o sistema capitalista promove a exploração através da divisão social do trabalho, ou seja, a separação dos componentes de um mesmo ofício (especialização) nesse aspecto, o trabalhador não tem mais a visão do conjunto de produção, e o domínio sobre ela. Dessa forma o trabalho torna-se para ele estranhado, alienado. Em larga medida, promove “a mutilação do ser humano, impedimento de seu desenvolvimento integral” (MACHADO, 2001, p.10). Dentro desse contexto então, o trabalhador não se reconhece no seu trabalho.

Na contramão dessas idéias, Marx, propõe um modelo de sociedade na qual o trabalho é o elemento fundante e a “primeira necessidade” de realização do ser social, a condição para sua existência, o ponto de partida para a humanização social e o motor decisivo do processo de humanização do homem. “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza, e por tanto vida humana”.

Através do trabalho, diz Lukács, “tem lugar uma dupla transformação. Por um lado o próprio homem é transformado pelo seu trabalho: ele atua sobre a natureza: desenvolve as potências nela oculta e subordina as forças da natureza ao seu próprio poder. Por outro lado os objetos e as forças da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, matérias primas etc. O homem que trabalha utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas, a fim de fazê-las atuar como meios para poder exercer seu poder sobre outras coisas, de acordo com sua finalidade”.

Em consonância com essa idéia, também para Marx, “o trabalho é tudo”, “é felicidade”

“é estado de espírito”. Por isso, dependendo da forma como o trabalho está organizado, é que a vida humana também será organizada. E, se nessa sociedade o trabalho é alienado a vida fatalmente, também será alienada.

O TRABALHO ALIENADO: UM PEQUENO ENFOQUE NA ESCOLA PÚBLICA DE GOIÂNIA

No campo educacional, o trabalho na Escola pública é também fruto dessa lógica, ou seja, apresenta-se como trabalho alienado, estranhado, fragmentado uma vez que, nem sempre o trabalhador que pensa - é o que executa. As diretrizes, os currículos, os planos já vem prontos, restando poucas possibilidades do docente para traçar suas próprias diretrizes. É preciso muita ousadia e criatividade para fugir dessa regra. Para piorar a situação os profissionais da escola pública agora estão sendo avaliados em seu trabalho- são os mecanismos de controle sobre a qualidade do trabalho requisitado pelo capital. A avaliação de desempenho dos profissionais da educação do estado de Goiás é feita anualmente e o servidor precisa construir um *porfólio* para “provar” o seu crescimento profissional no trabalho, necessitando fazer cursos de aperfeiçoamento. O que complica a situação daqueles com sobrecarga semanal. O documento da secretaria de educação sobre a avaliação traz esse texto:

A avaliação de desempenho permite identificar as principais características de um bom profissional da educação do estado de Goiás, assim sendo, esse método pode tornar-se uma importante ferramenta de gestão visando à melhoria da qualidade do ensino e do bem estar dos trabalhadores (SIAEGO , 2004, p.01)

Essa avaliação tem causado muita polêmica entre a categoria da escola, uma vez que, existe aqueles que acreditam no discurso de melhoria da qualidade proposto pelo instrumento e há também aqueles que discordam. justamente, porque as suas jornadas semanais não lhes permitem buscar qualquer aprimoramento pessoal que seja fora do seu campo de trabalho.

Na escola pública é notório esse sobretrabalho que paira, principalmente sobre os docentes, que em sua grande maioria, ministram aulas em até três escolas com uma carga horária semanal *stressante*. E, muitas vezes, estendem inclusive, aos sábados nas chamadas para os trabalhos coletivos realizados na escola. Neste aspecto, segundo Marx, o trabalhador desce à condição de máquina, servo. E, o trabalho que deveria ser a realização, a satisfação pessoal se torna agonia, sofrimento.

No mesmo patamar, no que se refere aos funcionários de apoio geral, no qual se enquadram também as merendeiras, a situação é conflituosa, pois, o número de servidores é insuficiente para o número de dependências da escola. E, a realização do trabalho, muitas vezes, se torna até inviável, sem contar que o funcionário não pode nem adoecer, pois não há um substituto para a função. O servidor depois de um dia de trabalho sai estafado.

Na área administrativa da escola, cuja composição é a direção, secretaria, e coordenação, a situação é um pouco melhor, pois, apesar da carga de trabalho ser menor, as atividades são menos cansativas, tendo em vista, que a informatização dos serviços reduz a carga de tensão do trabalho. E, o que vem diminuir em tese, o grau de stress presente também nessa categoria de servidores. Um aspecto observado, nesse

setor de trabalho, é a disputa/competição travada entre os seus trabalhadores, inclusive, de turnos diferentes, na qual, um resiste em realizar atividades pertinentes ao outro turno. Havendo também um sutil *aphtheid* entre os referidos profissionais e a turma de professores da escola.

Entre a categoria dos chamados “contratos temporários”, uma prática muito presente no serviço público de Goiânia, e, que vem se constituindo como uma característica marcante do capitalismo atual, o grau de insatisfação na realização do trabalho é mais notável que entre os servidores efetivos, tendo se em vista que a exploração é ainda maior, devido ao fato desse tipo de profissional ter vínculo empregatício de caráter temporário, e a negação de vários direitos. A jornada de 40h semanais desse trabalhador é muitas vezes, dividida em dois turnos alternados e o servidor precisa se deslocar até duas vezes de sua casa para cumprir sua carga horária diária, nesse sentido, e, parafraseando Marx “O proletário tem que se vender a si mesmo a cada dia, a cada hora...”

Enfim, o trabalho na escola pública está imerso na lógica do capital na qual o trabalhador é mal remunerado, desvalorizado e usado muitas vezes, à exaustão.

Dessa forma, nota-se que o desânimo e a desesperança tomaram conta da maioria desses profissionais, e o que se percebe é a inexistência de um espírito de luta necessário para o enfrentamento dessa realidade. Essa indisposição para a luta presente nesses sujeitos é claramente percebida, em ocasiões de realização de movimentos para reivindicação de políticas de valorização da categoria. Nesse período, há um confronto ideológico entre esses profissionais, de um lado os que acreditam na luta e do outro aqueles descrentes que acham que não vale mais a pena lutar porque “.....nada vai mudar mesmo, tudo acaba ficando do jeito que eles querem é só perda de tempo, eu não participo desses movimentos...”.E, nesse impasse a classe fica dividida - e, evidentemente, sem força.

Sabemos que vivemos em tempos difíceis, mas, no âmbito das dificuldades mesmas, encontramos a semente de sua superação por isso,

Uma classe trabalhadora mais ampliada e diversificada pode elaborar uma visão de mundo e uma ação frente à realidade também mais ampliadas e diversificadas [...] efetuando a reconciliação homem /natureza e fazendo com que os avanços científicos e tecnológicos repercutam não em desigualdades entre os seres humanos, mas contribuam definitivamente para uma vida confortável, prazerosa e digna para todos (MASCARENHAS, 2002, p.180).

Especialmente, em períodos de greve. É muito comum ouvir algumas pessoas dizerem que não participam do movimento de reivindicações por que: “não quero ter o meu ponto cortado”, e, ainda, segundo eles, “É melhor pingar do que faltar”, referindo-se ao pagamento recebido no final do mês. Esse é um típico pensamento impregnado de ideologia da classe dominante, que através do ocultamento e dos mecanismos de dominação, controlam a opinião pública.

Precisamos romper com esse tipo de conformismo, e, segundo Gramsci, “construir um novo conformismo – uma nova hegemonia” na contramão do conformismo do modelo capitalista” contudo, esse posicionamento requer uma tomada de consciência coletiva, como dizia Marx, em seu Manifesto (1947), “a classe trabalhadora precisa se unir” para realizar seu intento, e não ficar submetida aos ditames do capital. Na tentativa de mudar essa realidade Marx, procurou elaborar uma concepção dialética de transformação social, na qual a luta econômica e a luta política constituíssem um mesmo movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capitalismo que, efetivamente, assegurou o desenvolvimento das forças produtivas por procedimentos bárbaros, definitivamente não é o fim da história, como pensava Hegel. Precisamos, sim, construir uma outra organização societal que leve em consideração o homem total, genérico, onilateral, com suas reais necessidades. É preciso que o tempo livre desses trabalhadores seja dotado de sentido, controlado pela humanidade e não pelo capital.

Se o trabalho é uma atividade criadora, caminho para a emancipação humana é necessário então, que haja a mobilização política da classe trabalhadora da escola pública rumo à construção de uma nova realidade, uma vez que, no mundo do trabalho uma classe profissional unida e bem fortalecida representa a presença de sujeitos sociais capazes de dar importantes contribuições à construção e a reconstrução da vida social e intervir sistematicamente na realidade. Porém, a sociedade do capital não favorece o desenvolvimento desse homem, muito pelo contrário, no modelo trabalhista que esse sistema dispõe só há lugar para o trabalho estranhado, alienado à competitividade, ao individualismo e nesse caso, o trabalho que deveria ser fonte de realização e satisfação pessoal se torna agonia, sofrimento. Por isso, é preciso construir e reconstruir caminhos visando romper definitivamente, com essa estrutura, que ao atingir o ápice de seu desenvolvimento, desumanizou o homem quando o esperado era humanizá-lo. Nesse sentido, Gramsci nos deu uma pista de como ir à contramão dessa ordem: a formação do intelectual orgânico da classe trabalhadora, dotado não só de autonomia intelectual e moral, mas também de consciência política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, 9ª ed., Cortez, 2003.

_____. **Os Sentidos do Trabalho:** Ensaio sobre a afirmação e negação do Trabalho, 5ª ed., Boitempo, 1991.

BRAVERMAN, H **O trabalho e o capital monopolista.** 3ª ed., 1987.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho,** Rio de Janeiro, vozes, 1999.

GOLDMANN, L. **As ciências humanas e Filosofia.** 4ª ed. brasileira. 1995.

GRAMSCI, A.. **Literatura e vida nacional,** São Paulo 3ª ed. Ed. Civilização brasileira, 1986.

_____. **A concepção dialética da História.** Rio de Janeiro. 2ª ed. Civilização brasileira, 1995.

_____. **Os Intelectuais e a organização da Cultura,** 7ª ed., Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1989.

MACHADO, L. R. S. **Politecnia, escola unitária e trabalho,** São Paulo, Cortez, 2ª ed. 1991.

MARX, K. **O Capital.** Contribuição a crítica da economia política., Livro primeiro, vol. I, 3ª São Paulo, ed. Martins Fontes, 2003.

_____. **O Capital** Crítica da economia política, vol., Livro Primeiro, vol. II. Tradução de Reginaldo Sant'anna, 15ª ed. Rio de Janeiro, Beltrand Brasil.

_____. **O Capital.** Crítica da economia política, Livro terceiro, vol. VI, Civilização brasileira.

_____ **Manifesto do Partido Comunista.** 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1990.

_____ **Manuscrtos Econômicos e Filosóficos.** [Tradução Jesus Raniere] São Paulo, Boitempo, 2004.

MASCARENHAS, Â.C.B. **Educação e trabalho na sociedade capitalista: Reprodução e contraposição,** Goiânia, ed. UCG, 2005.

MÉSZÁROS, I., **Filosofia, ideologia e ciência Social:** [Tradução Ester Vaiman] São Paulo, Boitempo, 2008.

_____ **Educação Para Além do Capital.** 2ª ed, São Paulo : Boitempo.2008.

MORIN, E. **Terra Pátria.** Porto Alegre, 3ª ed., sulinas, 2000.

NETO, A.C., **Paradigmas em Educação no novo Milênio,**Goiânia, ed. Kelps, 2002.
